

# A FLORESCENCIA

JORNAL LITTERARIO

Redactor-Chefe: JOSE' JORGE DAS NEVES

Redactor-Secretario: A. T. GRAÇA



Redactores-Auxiliares ( ITALO ADAMI  
ANTONIO P. BRAGA

ANNO I

S. PAULO, OUTUBRO 1916

NUM 4

## EXPEDIENTE

"A FLORESCENCIA" é publicada em fins de cada mez e em dia indeterminado.

### ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 2\$000  
Semestre . . . . . 1\$000  
Numero avulso . . . . . \$200  
Atrasado . . . . . \$500

Redacção e Administração:

RUA PONTE PRETA N. 30 - (BRAZ)

Toda a correspondencia deve ser dirigida a José Jorge das Neves, Redactor-Chefe, para a caixa do Correio n. 2 (Braz) S. Paulo.

Não se devolvem os originaes embora não publicados.

## AVISO

O sr. Antonio G. S. Garcia, por motivos de força maior, deixa de pertencer a esta redacção, entrando entretanto para a mesma, o sr. Italo Adami.

## A Cavalgada

Ainda o sol não havia aparecido no horizonte, por traz dor verdejantes outeiros. O vasto ceu, um Palio cravejado de mil estrellinhas, ainda estava cheio dos vapores da noite. Seguimos por uma velha estrada, rasgada nas faldas dum monte abrupto. As aves canóras dormiam ainda nas frondosas arvores, orvalhadas caprichosamente pela noite, sonhando talvez, para que assim que rompesse a manhã, rasgarem em caprichosos vãos a amplidão luminosa. Havia pois em tudo o silencio das cousas que dormem. o silencio sepulcral, o barulho dos seres que não despertarão mais. Foi atravez dessa doce quietude que nos partimos em velozes corceis pela floresta afóra, pelos campos afóra a caminho da fazenda. Iamos seguindo ligeiros, aspirando a plenos pulmões as olorantes eshalações de baunilha, que nos traziam as auras ligeiras. Cegavamos ao meio do caminho, quando os primeiros raios solares se anun-

ciaram começando a espalharem-se sobre as gotinhas de orvalho que brilham mais que as esmeraldas e as turquezas. Seguimos sempre, mas agora já escutavamos os melodiosos trinos dos sabiás, das arapongas e de outros mil cantores que nos pareciam saudar á passagem. De vez em quando topavamos com pequenas choças, cobertas de sapé, indispensaveis aos velhos pretos, para o seu descanso nocturno.

Seguimos sempre, ora jnto a um ribeirão que sérpeia pelo meio da espessa floresta, ora atravessando pastos verdejantes, por onde dormem mil filosoficos e mansos bois. A manhã já havia nascido á muito e o sol começava a dar mostras que nos reservava um dia bem quente. Pelo ceu passavam nuvens côr de opála esmaecida, impelidas pelo vento. Começavamos a distinguir muito ao longe ainda, os muros brancos do vasto terreiro, cincundado de coqueiros chorosos, e entre um lançol de verdejante pastaria; aos lados os novos e copados cafeeiros que é uma colcha que perdemos de vista. E' então que eu pergunto ao meu companheiro, um caboclo nascido e creado entre essas bellezas naturaes; E' ali a fazenda de meu amigo? E o caboclo me responde: «E' sissinhô». Nesta altura nos já chegavamos. Ante a nossa aproximação a cachorada começava a latir furiosamente mas a um grito de meu amigo logo se calou.

Apeei-me e senti-me feliz por poder abraçar um meu velho collega de primeiros estudos, entre tantas bellezas naturaes capazes de revigorar o organismo mais fraco, gasto pelo rumuroso convivio das grandes cidades, pois nellas esses quadros são desconhecidos por quasi todos os habitantes, a não serem por alguns forasteiros e cícerones!

S. Paulo.

Xisto Leal

## FINGIDA

f' Alguem...

— Sendo o amor da forma que dizes, Jorge, jamais amarás...

— Ao contrario: eu amo muito, quiçá para sempre; mas sem a esperanza de ser feliz...

— Não te comprehendo: dizes que é impossivel o amor, para ti, e confessas igualmente amar eternamente...

— Carlos, não me entendeste.

— Pois explica-te.

Com a fronte apoiada nas suas mãos brancas e os olhos perdidos no espaço, Jorge, melancholico e pallido, pensou...

— Eu amo uma mulher, que vendo-se parece uma santa; porém, ella é como quasi todas as outras, que só teem capricho, vaidade, phantasia e fingimento...

«Vi esta moça, não importa onde, e logo com aneio e fogo n'alma amei-a...»

«Imaginar não podes, que jubilo sincero tive então, tendo encontrado amada, eu que tanto desejava amar...»

«Não penses que ella seja um primor de estatuaría, ou um modelo, uma deusa de encantos e perfeições... Não, é apenas brandamente melancholica, um pouco pallida, tendo os olhos sonhadores, profundos...»

«Senti, como já disse, um prazer ineffavel quando conheci amor e muito mais, como jamais gosarei, ao pensar que era amado...»

«Porem, ella como todas as mulheres vaidosas, é cruel... Não sei porque, teve a diabolica phantasia de fazer-me enlouquecer de amores, por ella...»

«Pois bem, o seu menor gesto, um só olhar, uma inflexão melancholica de seu corpo, era sufficiente para ver-me um escravo, um titere de seu capricho satisfeito...»

«Quando via-me rendido, preso de sua vista, como a um cão, ella afastava-me, enchotava-me ironica, irritada, cruel...»

«Oh! quanto não soffria então... Que vergonha, que nojo de mim mesmo não sentia, vendo-me, e reconhecendo-me um comediante, um palhaço, para fazel-a rir com os seus adoradores e amigas.»

«Porem isto era demais vergonhoso, para uma pessôa que se dizia orgulhosa como eu me considerava, supportar por muito tempo, tal humilhação, affrontar aos seus brios de homem e amante...»

«Assim fiz um esforço supremo, sobrenatural, e dominei os meus sentidos, mantendo-me numa posição nobre, isto é, apaixonado sem odio, resignado sem paixão...»

«Agora posso, sempre poderei vel-a, sem cair da posição em que me colloquei, não temendo os seus olhares pensadores, os seus gestos apaixonados, fingidos... nem os seus sorrisos meigos, vaidosos...»

*Coelho de Araujo*

## SONHOS

I

*Na aldeia*

..Ha muito que a aurora despontára, colorindo com o tom rosacco do sol nascente, todo o céu...

Pequenas nuvens muito alvas e brancas, dispersas aqui e além, esfarrapavam-se á brisa leve que soprava, ciciando meigamente na fothagem dos salgueiros.

Ondulava a herva alta dos prados, muito verde e viçosa, esmaltada de boninas e papoilas. adojando por sobre estas, borboletas de azas trementes, opalinas...

Um carreiro que atravessava o prado em zig-zag, conduzia ao riacho que no fundo corria, num marulho constante, toda doce, brincando com eras e madresilvas, pendentes das musgosas pedras das margens, a possante junta de bois.

Joanna, a moça do «Ti João da Preza», levantára-se ainda com as estrellas .. Deitára de comer ao gado, fôra abrir a casota das gallinhas e ultimava as suas primeiras obrigações para ir á ceifa.

Transpõe em breve o quinteiro. Sâia arregaçada manga curta dobrada no cotovello mostrando uns braços queimados do sol mas herculeos e fortes, lenço trançado na cabeça apertando o cabello ondeado, muito negro e espesso, que lhe emoldurava a fronte, onde brilhavam uns olhos azulados, ethereos, sonhadores...

Com a foicinha e um pedaço de corda ao hombro, eil-a prompta para o trabalho.

Toma a direcção do prado, entretendo-se pelo caminho a cortar florinhas que brotavam das paredes, violetas silvestres dum roxo desmaiado espreitantes por entre as giestas e tojeiras de espinhos agudos, formando dellas um ramito, que mettu no seio.

II

*Jayllio*

Na curva dum caminho, encostado a um grosso varapáu, em attitude scismadora trauteando uma melopeia triste e como quem espera alguém, um mocetão, o filho da «Zefa do Casal», investigava com anciedade o caminho do prado.

Por vezes passeava nervoso, voltava á primeira posição — varapáu fiucado no sólo — perna cruzada e o olhar vagueando no espaço, seguindo o vôo de alguma rôla brava ou andorinha de negras azas, fendendo o céu muito azul...

De subito sente mão leve poisar-lhe no hombro e um ramito de flôres cahiu-lhe aos pés. Voltou-se. Era a Joanna, a alegria de sua vida, o seu encanto, o seu anjo...

— Como tardaste! em tom de censura lhe diz, sorrindo e curvando-se para apanhar as flôres.

— Antonio, desculpa, mas erguime hoje mais tarde... e depois os mafarricos dos vitellos deram-me que fazer...

— Aonde ias?

— Cegar herva... Vens?

Enlaçados os braços, caminham os dois, prado em fóra, ora rindo, ora olhando-se silenciosos, meditando...

Chegados a uma clareira, separaram-se... Antonio seguiu para o riacho e Joanna principiou na sua faina da ceifa.

III

*De noite*

Mólho á cabeça, trazendo espetada nelle a foicinha, poz-se á caminho de casa.

Pela estrada vinha soliloqueando sósinha repetindo as palavras do seu Antonio, de quem tanto gostava. Distrahida, não correspondia ás mais das vezes ao «Salve-a Deus» dos lavradores que passavam, nem aos ditinhos apaixonados dos pastores, que guiavam o ovelhame, todo tilintante de chocalhos.

A's noites, havia encontros certos nas fontes, repetindo-se as scenas de amôr costumadas, promessas de dias felizes, futuro risonho, vida de delicia perenne...

Noites de luar, numa suavidade mystica, de céu repleto de estrel-

las — manto constellado de pedrarias, noites de poesia, de sonho e de amôr...

...Deixavam evolar-se, amavam os transportes das suas almas ingenuas, em phantasias vaporosas, visões de venturas e encantos...

A agua transbordando a bilha, despertava-os, chamava-os á realidade.

Separavam-se com beijos...

IV

*Emigrando*

Emfim tinha de ser.

Não era vida aquelle arrastar de dias na aldeia, sem ganhos nenhum, sem futuro.

A vida estava cada vez peor... Uma miseria...

A miragem de uma vida melhor em terras de Alem-mar, tentava-o... e, Antonio não resistindo, acariciando essa idéa, resolveu partir, emigrar...

Despediu-se da pobre mãe e da Joanna.

Que scena de lagrimas foi essa despedida!

A mãe não o largava e quando abraçou Joanna, parecia não se quererem desunir, fundindo-se em lagrimas, num beijo longo, terno, amoroso...

— Não desanimes... Voltarei feliz, rico, serei teu sempre... Como viveremos depois mais contentes, pois não é, minha Joanna?

— Adeus, adeus...

Fugiu-lhe dos braços, lançou a trouxa ao hombro, voltou para ellas e para a aldeia querida um olhar nostalgico e saudoso, e partiu...

O que valia para minorar a dôr desses dois entes que o estremeciam, eram as noticias frequentes recebidas.

Mas o desgosto á «Ti' Zefa», matava-a.

Um dia appareceu morta no ca-sebre. Joanna foi deparar com ella, hirta, no catre, fitando o olhar vi-treo num pequeno retrato do filho pendurado na parede.

Ficou só Joanna, então ..

*(Continúa)*

*David Bueno Machado*

## POSTAL

*A Alguem*

Como a cotovia que levanta o seu vôo na amplidão do céu, alto bem alto, em demanda ao sol que a fascina, mas que depois vencida recai no prado, assim o meu desejo, abre as azas no céu do teu amôr, para depois tombar vencido na angustia da desillusão.

*S. Paulo*

*Italo Adami*



# VOZES D'ALMA

## SUPREMO BEIJO

*Para o sr. Joaquim Leite Penteado*

Sonhava com o amor, quando a avistei  
Entre os lençóis de um leito perfumado.  
Cheguei-me lento a esse anjo alcandorado,  
E seu rosto rosado admirei...

Sonhava sim, um riso tresloucado  
Qual riso de creança contemplei...  
Aproximei-me, a bocca lhe beijei,  
Num longo beijo, quasi eternisado...

Assustada acordou. O seu olhar  
De virgem, almo, cheio de ternura,  
Tocou-me o coração com mais ardor.

Os seus braços me viéram enlaçar,  
E com um riso ideal de virgem pura,  
Tambem beijou-me em extases de amor...

S. Paulo

*Alfredo Teixeira Graça*

## UM NOME...

Mãe! E' teu nome para mim um hymno!  
Maravilhoso, de celestes encanto!  
Oh! como é doce, carinhoso e santo,  
Pleno de graça, immenso e até divino!

Minha mãe! Minha mãe, só a teu lado  
Eu sinto-me feliz. O teu sorriso  
E' para mim sonhado o paraizo,  
O teu sorriso puro e immaculado.

Tu es meu anjo tutelar e amigo,  
E's o thesouro que feliz bemdigo,  
— Formosa estrela que encontrei na vida!

Quizera vêr-te n'um altar brilhante  
E eu, de joelhos, tua filha amante,  
A venerar-te, minha mãe querida!

*Beatriz N. Moreira*

## ADEUS

*"Non ti scordar di me,,*

Como é triste o momento da partida  
Da mulher que na vida é nosso encanto...  
Quando o lenço humedece-se de pranto  
Como é triste esse adeus da despedida!

Partes, abrindo assim uma ferida,  
Que envolve o coração qual negro manto,  
E vai ao mais recondicto recanto  
D'alma, deitando-a toda combalida!

E bastante cruel esse momento  
Que nos vai lacerando lentamente...  
Si por ventura o mesmo sentimento

Fere o teu coração benevolente  
Não deixes apagar do pensamento  
A imagem que te adora eternamente!

S. Paulo, 18-9-1915

*Aureo Bastos*

## AO PARTIR

*A Hugo Adami*

Feliz aquelle que na tela virgem,  
traça ativo de sua dor o fel;  
feliz quem cedo na voraz vertigem,  
encontra da arte o saboroso mel.

Feliz e sacro é o génio que soffrendo,  
mil golpes cada vez,  
encontra o estro em turbilhão tremendo,  
saindo de escassez.

Feliz és tu, Adami, puro amigo,  
que encontras para a tua dor abrigo,  
na tela pura, inerme,  
que esmagas com tua arte grande e bella,  
a quem ostenta virginal capella,  
como se esmaga um verme.

Quando mais tarde na vida,  
infamante, negra, immunda,  
tu encontrares guardada,  
a essa tua dor profunda,  
recorda-te deste poeta,  
que por ti, alma dilecta,  
traça os versos que sonhou;  
lembra-te do amigo triste,  
cuja vida só consiste,  
nas maguas por que passou.

E vão é triste o meu cantar maestro,  
é tu'lo vão na profundez da vida,  
talvez que o escarneo arrebatando o estro,  
tenha ao meu verso angelical guardada.

S. Paulo, 18-9-1916

*Raul Polilo*

## TUA VOZ

Quando o labio aromal tu entreabres sorrindo,  
Labio que tem a cor vermelha da papoula,  
E falas, julgo ouvir o canto duma rôla,  
Tal é a tua voz, anjo formoso e lindo.

E ella em mil espiraes vas subindo, subindo,  
Ao vasto azul do ceu, esplendida caçoula,  
Tem tua voz a graça ideal duma creoula,  
Em meio dum vergel em flores mil se abrindo.

Nem carmes divinaes de meigas harpas eoleas  
A imitam, ella mais e muito mais deslumbra  
Que o perfume subtil das rosas e magnoleas!

E, para que minha alma eternamente a goze,  
Num beijo celestial que todo o amor resumbrá,  
Far-lhe-hei a sorrir esplendida apothose!

S. Paulo

*José Jorge das Neves*

*Afonso Freitas Junior*  
*R. José Paulino*



### Concurso litterario

Damos com o presente numero, encerrado o concurso litterario que abrimos em o nosso segundo numero.

A commissão julgadora, juntamente com os sonetos classificados em 1.º, 2.º e 3.º lugar, publicaremos no proximo numero.

Tendo boa acceitação o concurso que hoje encerramos, resolvemos abrir com o presente numero um concurso de «contos» sobre qualquer thema, porem que não sejam muito longos, os quaes serão julgados por uma commissão, cujos nomes com o tempo publicaremos nesta secção.

Ao classificado em 1.º lugar ofereceremos um livro de contos de Coelho Netto.

Os trabalhos devem vir separados de qualquer outro escripto e com a declaração «Para o concurso litterario», o qual será encerrado com o nosso 6.º numero.

## :: Orlando de Oliveira Godoy ::

CIRURGIÃO-DENTISTA

Trabalhos de prothese dentaria, pelos processos americanos, mais modernos — Extracções completamente indolores — Obturações invisiveis á po cellana — Tratamento da pyorrhêa pela electricidade :: e pelo sôro Wright — Correção das anomalias dentarias :: ::

Consultas: das 8 ás 11 e das 13 ás 16 - Rua Carneiro Leão, 171 - S. Paulo

## PAPELARIA BARÃO DO RIO BRANCO

- DE -

## LUIZ MINGUES & COMP.

Typographia e Encadernação - Livros em Branco, Cadernos, Blocks Escolares, Objectos para Escriptorio, Carimbos de Borracha e Saccos de Papel

Avenida Rangel Pestana N. 144-A . . . São Paulo

## FABRICA DE CIGARROS - DE -

### *Florencio Pereira Lopes*

SÃO PAULO

Fumo em corda das  
melhores procedencias

POÇO FUNDO

PLANETA

PALPITE

ITANHANÚ

Em deposito permanente

Fabricante exclusivo

dos cigarros

HILDA - ZÉ

TROVADOR

CARLO ERBA E

JEAN JAURÉS

PARODIA - POMPÉA

VALDA - WATRY

*Av. Rangel Pestana, 319*

(BRAZ)

CAIXA do CORREIO, 13

Productos puros e de  
qualidade

extra superior

Fumos desfiados

das

melhores

marcas

Telegrapho N. 319

:: Telephone N. 411 ::

## SALÃO ALFANO

### Andréa Alfano

Neste Bem montado salão encontrarão os freguezes todo o conforto e hygiene.

AV. RANGEL PESTANA, 275 - S. PAULO

## Papelaria "Avenida,"

### Paschoal Napolitano

Executa-se com a maior brevidade, qualche serviço concernente ao ramô typographico

AV. RANGEL PESTANA, 169 - S. PAULO

(Em frente ao 1.º Grupo E. do Braz)

## PENELOPE

Por COSTA MAGEDO

O pae, quando os seus beiços vasavam com farfalhice alguma nota deste fraco, chamava-o a contas de juizo, apontava-lhe, por entre dentes aperrados, o seu humillimo dever: — Trata mas é d'embutir, ou de tocar, escutas, ó idiota? e dá ao diabo essas tuas idéas!

E Guilherme, promptamente, sem

pestanejar, atacava com ardencia o embutimento dos cascaveis de contas ou perpassava febril o oiro bruto sobre a heraclia. Mas, d'ahi por deante, não se furtava a idealisar, a ancian.

Até que, desenvolto e vigoroso, opimo aos olhos das mulheres, teve um dos seus desejos consummado: casou com uma rapariga que jungia á Belleza e á Virtude um dote bem pesado em moeda.

Essa rapariga é Delfina, voz d'ave melodiosa, olhos de serenar

pantheras enraivadas, camelia extravagante de um casal de depravados: o marido, beiços froixos da Sensualidade, a enganar agora a mulher; a mulher, rebolices de gata ciosa, a enganar logo o marido: os quaes, fugindo da Cidade, mumificados, nauseantes, septicos, — cahiram naquella clara terra silvestre e lá acabaram, um após outro, roidos pela gangrena syphilitica e execrados de todos.

(Continúa)